

INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA AEP - ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE PORTUGAL, JOSÉ ANTÓNIO BARROS, NA «CONFERÊNCIA NACIONAL DO EMPREENDEDORISMO», SOB O TEMA «PORTUGAL EMPREENDEDOR – PENSAR O PAÍS COM QUEM O FAZ AVANÇAR, PAINEL 5 – PENSAR GLOBAL», NO AUDITÓRIO ILÍDIO PINHO – UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PORTO, NO DIA 13 DE JANEIRO DE 2010.

PENSAR GLOBAL

1. Pensar global, tema deste painel, é de facto um imperativo num mundo globalizado, como aquele em que hoje vivemos. Imperativo para as empresas, sob o risco da sua própria sobrevivência. Citaria aqui o Sr. Presidente da República quando, há já alguns anos, afirmou que “o desafio para as empresas é Pensar Global e Agir Global. Por outras palavras: fornecer produtos e serviços globais, concebidos por talentos globais, baseados em conhecimentos globais, para mercados globais.”

Mas, pensar global é também um imperativo para os decisores políticos, a nível mundial, sob o risco de consequências inimagináveis para o futuro da própria civilização.

Por globalização - no sentido económico do termo - deve entender-se o fenómeno de alargamento dos espaços de informação, de circulação de factores produtivos e de troca de produtos (e, portanto, de concorrência) à escala planetária. Por outras palavras, corresponde à crescente interligação económica - complementar e concorrencial - entre áreas muito afastadas do Globo. Deste modo, o desenvolvimento dos mercados à escala mundial confunde-se com o próprio conceito de globalização.

Não sendo um processo novo, a globalização tem-se desenvolvido, ao longo da História, por sucessivas vagas, marcadas pelas consequências do progresso tecnológico (com impacto, por exemplo, no embaratecimento dos transportes) e da evolução geopolítica mundial.

Desde os anos oitenta do século passado, assistimos à intensificação da globalização, numa escala e com uma profundidade sem paralelo na história, pela conjugação de um conjunto de factores, mais uma vez de natureza tecnológica e geopolítica.

Entre os factores de natureza tecnológica, está a revolução das tecnologias de informação e das comunicações, que veio reduzir vertiginosamente os custos de produzir, processar e transportar informação. O mundo passou a estar dotado de infra-estruturas de comunicação planetárias, acessíveis a qualquer cidadão, a qualquer hora, em qualquer lugar, a um custo muito baixo.

Entre os factores de natureza geopolítica estão as transformações ocorridas na China no final de década de setenta, a implosão do bloco soviético no fim dos anos oitenta e as reformas realizadas na Índia nos anos noventa, de que resultou o alargamento do sistema de economia de mercado à quase totalidade do planeta.

Desta intensificação sem precedentes da globalização resultou também uma explosão da interdependência mundial, traduzida, entre outros, pelo aumento dos fluxos internacionais de bens, serviços e capital:

Em Novembro de 2009, a China torna-se no maior exportador mundial, ultrapassando a Alemanha.

O valor do comércio internacional (em bens e serviços) em percentagem do PIB mundial aumentou de 42,1% em 1980 para 62,1% em 2007¹. Entre 2000 e 2008, a taxa de crescimento das exportações mundiais de mercadorias duplicou a da produção mundial de mercadorias (5% contra 2,5% em média anual)².

O investimento directo estrangeiro aumentou de 6,5% do PIB mundial em 1980 para 31,8% em 2006.³

Os fluxos de capitais à escala global triplicaram entre 1995 e 2006.⁴

Se acreditamos que o sistema de mercado é a melhor forma de criar riqueza e de assegurar o progresso do nível de vida das populações, a globalização, que mais não é do que o alargamento do livre funcionamento deste sistema ao espaço planetário, deve ser vista como uma enorme fonte de oportunidades, geradoras de mais emprego e mais bem-estar económico.

Todas as experiências bem-sucedidas de rápida convergência real de países em vias de desenvolvimento têm por base a sua crescente inserção na economia mundial.

Contudo, tal como, a nível nacional, o funcionamento dos mercados requer uma regulação que os proteja de abusos e comportamentos anti-concorrenciais, também a globalização, nas suas diversas vertentes, necessita de ser orientada por regras.

¹ Dados do FMI

² Dados da OMC. O crescimento médio anual do PIB mundial (3%) foi superior ao da produção de mercadorias.

³ Dados do FMI

⁴ Dados do FMI

Não duvidamos hoje que, na esfera monetária e financeira, a globalização deve ser enquadrada por uma nova ordem internacional que proteja a economia mundial de crises como a actual e promova a estabilidade financeira e os equilíbrios cambiais.

Também na esfera comercial, a globalização deve ser enquadrada por um conjunto de princípios e regras que promovam o gradualismo e a reciprocidade na liberalização e que garantam que a concorrência entre as economias se baseia em vantagens competitivas legítimas, não podendo ser pervertida pelo desrespeito por valores universais, pelo desprezo relativamente à protecção ambiental ou por práticas fraudulentas ou desleais.

Mesmo com este tipo de regras, há o risco da globalização penalizar os trabalhadores com mais fracas qualificações dos países desenvolvidos, através da degradação dos seus salários e das suas condições de vida ou através do desaparecimento dos postos de trabalho, em sectores que sofrem uma concorrência mais aberta de sectores com as mesmas características dos países mais pobres, cuja vantagem competitiva repousa precisamente em baixos salários.

Poderíamos argumentar que, à medida que a produtividade vai aumentando nos países emergentes, aumentarão também os salários, as exigências por melhores condições de trabalho, a consciência ambiental. O problema limitar-se-ia então a custos de ajustamento a uma nova divisão internacional do trabalho, exigindo, todavia, uma resposta dos países desenvolvidos ao nível da qualificação dos recursos humanos e da reestruturação dos sectores mais afectados.

Tal sucederia se os objectivos e estratégias de desenvolvimento dos países emergentes seguissem a mesma lógica do ocidente, em que se privilegia o aumento do bem-estar das populações. O problema está quando as estratégias de desenvolvimento privilegiam a acumulação de capital, grande parte do qual investido em activos financeiros ou reais do próprio mundo desenvolvido, como sucede claramente na China. A sua obstinação em manter uma política cambial de subvalorização do yuan é disso a prova mais evidente.

Concluo, portanto, que, sem regras, a globalização, que hoje acreditamos ser imparável, encerra em si própria as raízes da sua própria destruição, na medida em que as sociedades do mundo ocidental acabarão, mais tarde ou mais cedo, por não aceitar a degradação das suas condições de vida, não restando aos decisores políticos outra solução que não seja a do regresso ao protecçãoismo. Os movimentos anti-globalização que conhecemos hoje poderão ser apenas um pequeno aviso.

Pergunto-me seriamente quais serão as consequências de um eventual regresso ao protecçãoismo no actual contexto de forte interdependência mundial.

A globalização económica exigirá, assim, a globalização de direitos humanos e da protecção ambiental.

2. A economia da China, i.e., o seu PIB, terá neste ano ultrapassado o do Japão, passando a ocupar a segunda posição mundial. Pensar global para as empresas e para os decisores políticos implica também posicionarmo-nos num futuro não muito distante (dentro de 15 anos) em que a economia da China será maior do que a dos EUA, ou em que o PIB da Índia será também superior ao do Japão (dentro de 15 a 20 anos). Já para não falar num mais distante, para nós, 2050, mas próximo para os nossos filhos, em que o Brasil terá ultrapassado o Japão; a Rússia, México e Indonésia serão maiores, em termos económicos, que a Alemanha, a França ou o Reino Unido, e a Turquia superará a Itália.⁵

3. As vendas de automóveis na China terão ultrapassado este ano as dos EUA, ocupando o primeiro lugar mundial. Pensar global, para as empresas e para os decisores políticos, mais uma vez, implica ainda a antecipação de outros desafios e ameaças.

O progressivo desequilíbrio entre a oferta e a procura de energias fósseis, a nível mundial, conjugado com o problema das alterações climáticas é um desses desafios globais com que se defronta um mundo.

A Energy Information Administration dos EUA, no seu relatório de 2009 prevê, num cenário de referência, um aumento de 26% no consumo mundial de combustíveis líquidos entre 2006 e 2030, impulsionado sobretudo pela Ásia, que deverá duplicar a sua procura⁶. Neste continente, a China será o país que mais aumentará o consumo. Pelo contrário, a Europa e o Japão deverão reduzir o seu consumo de combustíveis líquidos. Sob a pressão da procura, a evolução dos preços dependerá em larga medida dos pressupostos sobre as fontes e custos da produção, mas aquela entidade admite um cenário em que o preço do petróleo (a preços constantes de 2007) ultrapassa os 175 dólares por volta de 2017 e os 200 dólares antes de 2020. Neste cenário, o aumento do consumo mundial seria significativamente mais baixo do que no cenário de referência (apenas 6%).

Seja por força do aumento do preço, dada a escassez da oferta face à explosiva procura nos países emergentes, seja devido a restrições ditadas pelo combate às alterações climáticas, ou sob o efeito conjugado destes dois fenómenos, a era dos combustíveis fósseis está perto do fim.

⁵ Projecções da PWC

⁶ Note-se que este cenário de referência corresponde a um aumento de 39% das emissões totais de CO2 relacionadas com a energia entre 2006 e 2030. O aumento do consumo de carvão (49%), 90% do qual da responsabilidade dos países asiáticos fora da OCDE, contribui substancialmente para aquela previsão.

Não tenho dúvidas de que a tecnologia fornecerá alternativas ao uso do petróleo. Assusto-me, contudo, com o esforço financeiro necessário à substituição de tecnologias, sistemas de produção, produtos, e sobre a forma como será repartido, à escala mundial, esse esforço. E ainda com os custos de ajustamento que esse processo de substituição decerto comportará.

4. O índice de fertilidade da China é um dos mais baixos do mundo, inferior ao do Velho Continente!

Finalmente, a evolução da demografia representa outra fortíssima condicionante do nosso futuro. Na Europa, a população entre 15 e 59 anos começou já a decrescer em 2005. A população com mais de 60 anos ultrapassou o número de crianças (entre 0 e 14 anos) em 1995 e em 2050, o número de pessoas com mais de 60 anos será o dobro dos menores de 15 anos. Esta combinação do declínio do número de crianças e da população em idade activa conduz a um rápido envelhecimento da população e coloca um sério desafio à adaptação social e económica da sociedade.

No entanto, o problema que se coloca à China é muito mais grave. A China tinha, no ano 2000, uma das mais altas percentagens da população entre os 15 e os 59 anos no total. A partir de 2015, à medida que um menor número de chineses vai atingindo os 15 anos e um número crescente chega á idade da reforma, a população activa (entre 15 e 59 anos) vai começar a decrescer rapidamente. O número de chineses com mais de 60 anos é actualmente 128 milhões (10% do total).

Em 2050 serão 431 milhões (30% do total). Num país que gasta apenas 2,7% do PIB em pensões de reforma, em que 80% dos idosos depende financeiramente dos seus filhos, o envelhecimento da população, mais rápido do que o que se verificou (e continua a verificar) na Europa, colocará problemas sociais e económicos gravíssimos. Apesar do ritmo a que o PIB *per capita* está a aumentar, **a China terá uma população envelhecida muito antes de ser uma sociedade rica.** Como vai suportar socialmente um envelhecimento mais rápido do que aquele que, mesmo em sociedades ricas, é já visto como problemático, é uma incógnita. **Se a resposta for a emigração em massa, então o problema não será apenas chinês...**

Tentei, muito brevemente, abordar algumas das questões que se nos deparam quando, num mundo globalizado, procuramos “pensar globalmente”. Muitas outras mereceriam a nossa atenção, nomeadamente as alterações climáticas. Muito ficou por dizer sobre a forma como este “pensar global” deve incorporar a formulação das estratégias de longo prazo das empresas. Procurei apenas lançar, provocatoriamente, algumas ideias para chegar a uma conclusão que me parece óbvia: a globalização requer que os responsáveis políticos mundiais pensem globalmente e que cheguem a acordos internacionais sérios que dêem resposta a desafios que, sendo globais, apenas globalmente podem obter resposta. Infelizmente, esta conclusão óbvia parece não encontrar acolhimento. **Ainda há poucas semanas, em Copenhaga, foi perdida uma oportunidade única.**